

É A MESMA MENINA? HOMONORMATIVIDADE NOS VÍDEOS DE LÉSBICAS *FUTCHNO TIKTOK*

Joana Ziller¹

Dayane do Carmo Barretos²

Leíner Hoki³

Kellen do Carmo Xavier⁴

INTRODUÇÃO

A máxima algorítmica *rich get richer* talvez seja o denominador comum às plataformas de mídias sociais contemporâneas. Significa que, quanto mais um conteúdo circula, mais tem sua circulação ampliada pela curadoria algorítmica. Essa lógica beneficia a criação de conteúdos similares, de forma a que sejam reempregados elementos que *deram certo* em postagens anteriores. E fortalece padrões seguidos por grupos majoritários. Não por acaso, navegamos tanto por mais do mesmo.

¹ Doutora em Ciência da Informação (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil). Professora Associada da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/5352059274589464>. <http://orcid.org/0000-0002-3150-1567>. E-mail: joana.ziller@gmail.com. Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Comunicação Social. Av. Antônio Carlos, 6627, Fafich/DCS, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (55 31) 34095012.

² Doutoranda em Comunicação Social (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil). Residente de Pós-Doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/5035013066167564>. <https://orcid.org/0000-0002-1947-4439>. E-mail: dayanebarretos@gmail.com.

³ Mestra em Artes (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil).
Arte educadora no equipamento Consultório na Rua, do SUS, em Belo Horizonte.
<http://lattes.cnpq.br/6663548154943217>. <https://orcid.org/0000-0002-7263-2512>. E-mail: leinerhoki@gmail.com.

⁴ Doutoranda em Comunicação Social (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil).
<http://lattes.cnpq.br/6940773619994831>. <https://orcid.org/0000-0003-2590-4404>. E-mail: kellencxavier@ufmg.br.

A lógica *rich get richer* tem efeitos diversos e um rol de pesquisadores no mundo todo se volta a ela (Cho, Roy & Adams, 2005; Ciampaglia *et al.*, 2018). Do ponto de vista do gênero e das corporeidades, como debatemos aqui, tal dinâmica tem potencializado, no *TikTok*, a circulação de vídeos de um perfil bastante específico de mulheres lésbicas: meninas jovens, brancas, magras, maquiadas, que mesclam as categorias *princesa* e *caminhoneira*, ou *femme/butch*, sem, na maioria das vezes, se contrapor mais fortemente às normas de gênero – exceto no que diz respeito a algumas peças de vestuário que integrariam uma gramática visual das lesbianidades.

Os vídeos de lésbicas *futch* (*femme + butch*) de que tratamos aqui ganham em circulação no *TikTok*, plataforma que configura sua curadoria algorítmica de maneira a fortalecer ainda mais a repetição de modelos em voga e que já foi acusada de excluir vídeos de pessoas cujos corpos e comportamentos estão fora do padrão. Ao contrário da afirmação de Guasch de que “Pode-se ser lésbica de muitas maneiras” (Paiva & Veras, 2016), o que se vê em tais vídeos é uma padronização de corpos que, além de comungar com desconstruir o declínio dos papéis de *butch/femme* entre lésbicas (Drucker, 2017), reafirma padrões corporais normativos e fortemente marcados pelo consumo.

Construída a partir de tal percepção, nossa discussão dialoga com a ideia de homonormatividade (Duggan, 2002; Drucker, 2017). Nos vídeos analisados, a inclusão pelo consumo é visível não apenas nas roupas importadas; mas também nos cabelos sempre lisos e brilhantes, que poderiam estar em propagandas da indústria de cosméticos; em sombras, base, lápis, rímel, blush, lentes para os dentes e para os olhos ou nos filtros que os simulam – e, para tal, demandam celulares com uma robusta capacidade de processamento. Essas mulheres autoidentificadas como lésbicas e cujos vídeos alcançam uma circulação ampla no *TikTok* compartilham da mesma gramática visual, ressaltam a passabilidade e, quando alternam do vestido para a blusa larga, volta e meia a levantam para exibir a barriga *tanquinho*.

Defendemos, então, que a junção da mediação algorítmica estabelecida pelo *TikTok* a um padrão homonormativo de lesbianidade resulta em uma padronização dos corpos que se dão a ver. Tal arranjo atua sobre o sensível partilhado (Rancière, 2009), contribuindo para que uma menor diversidade de corpos sejam vistos como possibilidades entre mulheres lésbicas.

No artigo que aqui apresentamos, os vídeos citados são exemplos do que defendemos como uma lógica homonormativa operando sobre corpos *futch* no *TikTok*. Tais vídeos ilustram a defesa de um ponto de vista e foram obtidos a partir de um flamar pela plataforma. Foram primeiro ofertados pelo algoritmo do *TikTok*, a partir do histórico de navegação no aplicativo que, ao registrar nosso interesse, se encarregou de nos oferecer mais e mais vídeos semelhantes. Não houve, portanto, um levantamento inicial exatamente sistemático, mas um flamar algorítmicamente dirigido.

Após esse passeio inicial, que despertou nosso interesse de pesquisa, fizemos buscas por meio do próprio aplicativo com base em *hashtags* como *#sapatão* e *#lésbica*, além de termos correlatos a esses, mas com caracteres especiais, como o símbolo do arco-íris.

Os debates aqui apresentados partem da análise de um conjunto de vídeos formados a partir de alguma sistematização buscada por nós, mas mais fortemente da sistematização algorítmica cujas lógicas desconhecemos (d'Andréa, 2020; Van Djick, 2013; Gillespie, 2010;), mas que compõem toda a navegação feita em plataformas de mídias sociais como *TikTok*, *YouTube*, *Instagram*, *Twitter*.

Em nossa busca, procuramos produções que dialogassem com as reflexões que propomos aqui. O intuito da análise é, portanto, evidenciar as dinâmicas heteronormativas e homonormativas e o modo como elas se articulam com a lógica algorítmica em plataformas de mídias sociais como o *TikTok*, elegendo um

padrão específico de lesbianidade, estimulando um consumo específico e solapando as múltiplas formas de ser lésbica.

COMO ASSIM MACHINHO?

Os olhos azuis de @gabbi_souza se destacam no terço superior da tela do celular. Ressaltados por um filtro que automaticamente maquia os olhos em um esfumado perfeito, preenche as sobrancelhas, homogeneiza a pele e aumenta os lábios, compõem um conjunto visual montado para jogar com as frases "Ai, só gosto de princesas" e "muito machinho", que também aparecem destacadas (Figura 1).

Jovem branca, magra, de olhos azuis e bastante maquiada, @gabbi_souza veste camiseta e boné pretos e reage aos comentários que aparecem em sua tela ao som de *Tombei*, música de Karol Conka. Fazendo cara séria e encarando a câmera, a jovem abre a boca para dublar a parte da música em que Conka canta: "se quiser conferir, vem, que é pra ver se aguenta". Ela sorri e, colocando a língua para fora de maneira pretensamente sensual, pisca para a câmera, como se estivesse desafiando a outra menina, que a considerava pouco princesa/muito machinho, a experimentar ficar com ela (Figura 2).

Figura 1

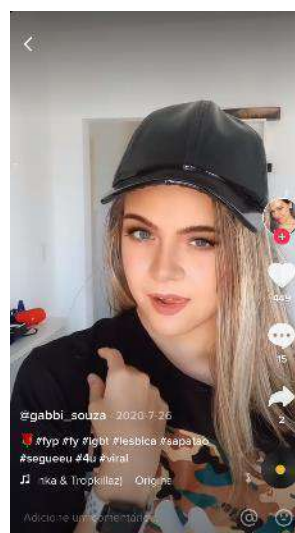
Sem Título



Fonte: TikTok.

Figura 2

Sem Título



Fonte: TikTok.

A virtual masculinidade de que @gabbi_souza é *acusada* não é uma novidade entre mulheres (Halberstam, 1998) e historicamente demarca as categorias mais comuns às lesbianidades – *femme|butch*⁵ (Rubin, 2011). O que chama a atenção no vídeo da *tiktoker* é que, exceto pelo boné preto, nenhum outro marcador de gênero pode ser lido como masculino. Pelo contrário, o cabelo liso e louro e o destaque que a maquiagem dá à boca e aos olhos compõem um corpo que parece seguir à risca normas que se completam com a pele branca e o corpo jovem e magro.

Em um outro vídeo, a *tiktoker* se utiliza de ferramentas de corte e edição de vídeo próprias do aplicativo para *trocar* entre suas versões *femme|princesa* (Figura 3) e *butch|caminhoneira* (Figura 4). Mesmo nesse caso, a versão *menos feminina* de @gabbi_souza continua se apoiando em marcadores que podem ser

⁵ E aqui evitamos propositalmente o debate sobre a homofobia presente na ideia de lésbicas que não admitem se envolver com mulheres masculinizadas, até porque estamos exatamente questionando tal masculinidade nos vídeos.

reconhecidos como femininos, como maquiagem e uma lingerie de renda, que aparece por baixo dos marcadores que poderiam ser considerados masculinos: jaqueta de couro e touca preta de tricô. Sem falar novamente nos cabelos, no decote que traz à tona a presença dos seios, do corpo magro e branco.

Figura 3

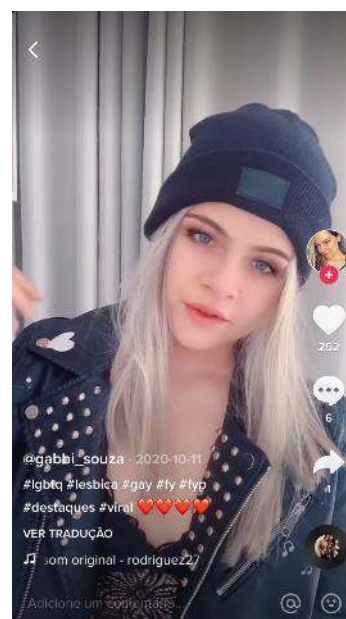
Sem Título



Fonte: TikTok.

Figura 4

Sem Título



Fonte: TikTok.

Outra *tiktoker*, @dance_amora, que também se identifica pelas hashtags #lesbian e #sapatao, faz um vídeo de narrativa similar, onde muda da postura inicial masculina (Figura 5), camisa de baseball e boné virado para trás, à postura feminina sensual, biquíni transpassado mostrando a barriga magra com piercing no umbigo e bandana na cabeça (Figura 6). A legenda é uma pergunta: 1 ou 2?, demonstrando a possibilidade das duas opções.

Figura 5

Sem Título



Fonte: TikTok.

Figura 6

Sem Título



Fonte: TikTok.

Os vídeos parcialmente representados nas Figuras 1 a 6 trazem à tona um fenômeno que temos visto ganhar circulação no *TikTok*: lésbicas brancas, jovens e cujos corpos se adequam aos padrões de beleza publicam vídeos em que se servem de filtros que potencializam ainda mais a adequação de tais corpos às normas de gênero, mas em que também reivindicam para si uma masculinidade que, presente em alguns elementos dos vídeos, pode ser explorada em intensidades variadas – incluindo sua supressão completa, quando convier.

Mas em que medida é possível dizer que tais corpos trazem para si masculinidades, resistindo e desviando de normas de gênero, dando a ver outras possibilidades de corpos?

MASCULINIDADE FUTCH

Em uma abordagem que realça a historicidade das masculinidades femininas, Jack Halberstam (1998) relata uma profusão de termos e experiências anteriores à disseminação do uso de *lésbica* como descritor do universo de práticas advindas do desejo entre mulheres. Remetendo a Foucault, defende que *lésbica* ganha o significado atual apenas no Século XX e, portanto, não faria sentido tratar as práticas e vivências anteriores como pré-lesbianas, tendo em vista a diversidade de maneiras como se configuravam.

O pesquisador lista as figuras das hermafroditas, tríbades e mulheres marido para denominar experiências entre mulheres no final do Século XVIII e começo do XIX. Registra, ainda, o uso de tommy (que originaria tomcat e tomboy) desde o século XVIII na Inglaterra.

Ainda que haja, portanto, registros de masculinidades femininas muito anteriores ao Século XX, Kennedy & Davis (1994) localizam nos anos de 1930 os primeiros relatos de sociabilidade similar ao que entendemos contemporaneamente como *butch/femme*. Kennedy & Davis (1994) apontam os bares frequentados por mulheres da classe trabalhadora no começo do Século XX como refúgios lésbicos onde se aprendiam os códigos de comportamento e vestuário *butch*.

Butch e *femme*, para Rubin (2011), são formas de codificar identidades e comportamentos que, ao mesmo tempo, se aproximam e se diferenciam dos papéis sociais padrão de homem e mulher. As *femmes*, que nos vídeos apresentados são chamadas de *princesas*, seriam mulheres “que se identificam predominantemente como femininas ou preferem comportamento e sinais vistos como femininos” (2011, p. 242). *Butches*, ou *machinhas* e *caminhoneiras* no vocabulário *tiktoker*, são aquelas “que se sentem mais confortáveis com códigos de gênero, estilos ou identidades masculinos” (2011, p. 242).

Há, em tal concepção, corpos lésbicos que variam em um espectro de configurações que se aproximam mais do feminino ou do masculino – mas, importante frisar, sem que seja possível achatá-los ao binarismo heteronormativo⁶ (Halberstam, 1998; Johnson, 1992; Rubin, 2011). Entre o que se poderia entender como pólos de categorização de corpos lésbicos, do feminino ao masculino, há uma miríade de possibilidades, que já foram conhecidas como ki-ki, dyke, andrógino etc. Gayle Rubin (2011) destaca que, mesmo dentro da categoria *butch*, há uma diversidade notável.

Butches vêm em todas as formas, variedades e idiomas da masculinidade. Há *butches* que são como caras durões, *butches* que são atletas, *butches* que são acadêmicas, *butches* que são artistas, *butches* rock-and-roll, *butches* que têm motocicletas e *butches* que têm dinheiro. Há *butches* cujos modelos masculinos são afeminados, maricas, drag queens e diversos tipos de homossexuais masculinos. Existem *butches* que são nerds, *butches* com corpos macios e cabeças duras⁷. (tradução nossa)

Uma dessas variações recentemente registradas é o que se entende por *futch*. Morgan (2017) relata a disseminação do termo, surgido da união de *femme* e *butch*, entre as comunidades espânicas nos EUA. *Futch* se mostra presente no uso cotidiano (uma busca simples por “lesbian *futch*” resulta em dezenas de páginas no *Tumblr* e de vídeos no *YouTube*, além de quase quatro mil registros no *Google*), mas praticamente não tem registro em artigos científicos. Adotaremos, aqui, a definição do dicionário colaborativo Queer Undefined⁸, que

⁶ Sue-Hellen Case (1989) e Heidi Levitt & Sharon Horne (2002) relatam que uma concepção equivocada sobre tal aproximação provocou grandes atritos entre mulheres lésbicas e grupos feministas nos anos 1970. O mesmo equívoco é apontado por Gayle Rubin (2011).

⁷ “*Butches* come in all the shapes and varieties and idioms of masculinity. There are *butches* who are tough street dudes, *butches* who are jocks, *butches* who are scholars, *butches* who are artists, rock-and-roll *butches*, *butches* who have motorcycles, and *butches* who have money. There are *butches* whose male models are effeminate men, sissies, drag queens, and many different types of male homosexuals. There are *butch* nerds, *butches* with soft bodies and hard minds”, no original.

⁸ <<https://www.queerundefined.com/search/futch>> . Acesso em 20 fev. 2021.

destaca que a combinação de palavras que dá origem ao termo seria incorporada à performance *futch*, que mesclaria elementos *femme* e *butch*.

Nos vídeos de que tratamos aqui, identificamos corpos que podem ser descritos como *futch*. Neles, a combinação de *femme* e *butch*, ou princesa e caminhoneira, aparece não como androginia, mas como uma mescla de elementos advindos dessas categorias. Não se trata de fundi-las, mas de manter alguns elementos identificados como *butch* em um corpo que via de regra aparece dócil às normas de gênero, ao padrão estético feminino.

O padrão corporal das *futches* dos vídeos que analisamos varia pouco – são magras, cabelos lisos e longos, brancas, jovens. A maquiagem e os filtros ajudam a reafirmar tais características. Os elementos do vestuário *butch* adotados para compor a performance, como já dissemos, apontam predominantemente para uma cultura importada, reafirmam um padrão de consumo. Somam-se ao corpo e às roupas uma postura provocadora, pegadora, também mais identificadas no estereótipo lésbico como da *butch* (Johnson, 1992).

Por outro lado, Gayle Rubin (2011) ressalta que as categorias *butch* e *femme* têm duas dimensões. A primeira delas, constituir um código de comportamento pessoal, da imagética à sexualidade. Mas tais atribuições também subentendem funções complementares, atendendo a um imperativo social, organizando a relação da comunidade lésbica entre si, bem como com o mundo fora dela. Assim, "*Butch e Femme* são identidades codificadas e comportamentos que se conectam e se distinguem do modelo social do homem e da mulher"⁹ (p. 242, tradução nossa). A partir dessa categorização, a comunidade lésbica apresenta maneiras diversas de tratamento, influência, subversão ou mesmo aversão aos papéis de gêneros identificados no universo cisgênero-heterossexual.

⁹ *Butch and femme* are ways of coding identities and behaviors that are both connected to and distinct from standard societal roles for men and women.

Nesse sentido, é importante registrar que a adição de uns poucos elementos reconhecidos como *butch* trazidos a um corpo dócil apontam para a manutenção da passabilidade, da possibilidade de reconhecimento social com tal universo cisgênero-heterossexual. Em outras palavras, suprimidos o blusão e a touca, trocada a camisa de hóquei, as lésbicas de nossos vídeos guardam uma grande semelhança corporal entre si, fortemente marcada pelas normas de gênero. Menos diversas, as *futches* de que tratamos também apontam para um esvaziamento político dos corpos lésbicos, aspecto potencializado pela lógica do próprio *TikTok*, de que trataremos adiante.

LESBIANIDADES DIVERSAS

As lesbianidades são vistas aqui tanto como prática quanto como identidade (Ziller & Barretos, 2020). Se, como amplamente defendido, ser mulher não é uma essência (Beauvoir, 1949; Guillaumin, 1994; Butler, 2003; Raewyn & Pearse, 2015; para citar algumas), mas uma maneira de performar o gênero, corpos diversos em diferentes formas de vestir, de desejar, de amar, de andar, de fazer sexo, diferentes cabelos, peles, raças/etnias, barrigas, peitos, unhas, entre vários outros aspectos, deveriam caber nessa identidade – e estar presentes no rol de representações midiáticas que compõem nosso cotidiano.

Tal multiplicidade de possibilidades deveria acompanhar as experiências corporificadas no processo de se entender e se apresentar como lésbica, da *femme à butch*. A sexualidade não define por completo o nosso estar no mundo, está entrelaçada a aspectos que vão desde âmbitos mais amplos tais como raça, classe, gênero; até questões outras como idade, região em que se vive, corpo, entre outros. É por isso que falamos em lesbianidades, no plural.

Para Rubin (2011), o masculino e o feminino são uma espécie de idioma no qual as pessoas podem se expressar de muitas maneiras diferentes. Como já dissemos, há muitas formas de ser masculina, como são ilimitadas as

possibilidades de ser feminina: "nenhum sistema de classificação pode ter sucesso na tarefa de catalogar ou explicar a infinita variedade da diversidade humana"¹⁰ (Rubin, 2011, p. 248, tradução nossa).

Mas, se as possibilidades são potencialmente ilimitadas, elas se constituem nos corpos a partir de um rol de limitações que incluem centralmente as normas de gênero. Faz-se importante, assim, entender as sexualidades como parte de um processo de operação da norma de gênero sobre os corpos – e as lesbianidades como experiências de corpos marcados pela dissidência. Tal dissidência se configura, em maior ou menor grau, em relação ao que Butler entende como gêneros inteligíveis, isto é, "aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo" (Butler, 2003, p. 43).

As normas e os modelos apresentam uma organização hierárquica do mundo. E assim, uma lésbica masculinizada ou que incorpora uma fluidez entre as masculinidades e feminilidades pode ser o gatilho de violências e violações discriminatórias¹¹. Tais corpos, para além dos riscos a que estão expostos apenas por existirem, também carregam em si uma carga política de fratura normativa ao evidenciarem a dissidência de gênero. Sua visibilidade contribui para a ampliação da partilha do sensível (Rancière, 2009), para que corpos resistentes aos marcadores de gênero possam ser percebidos como experiências possíveis.

Nesse sentido, Paul B. Preciado (2018) registra a grande relevância da promoção audiovisual do corpo pós-moderno (farmacologicamente gerido) no processo de se tornar coletivamente desejado. O alto grau de padronização dos corpos *futches* de que tratamos aqui aponta para a circulação recorrente de um padrão homonormativo de lesbianidade.

¹⁰ "No system of classification can successfully catalogue or explain the infinite vagaries of human diversity", no original.

¹¹ Mas corpos dóceis às normas também são alvo potenciais de violência, ainda que a passabilidade faça desses corpos menos propensos a alguns tipos de agressão.

MARIA SAPATÃO

Um bom exemplo dessa padronização é um conjunto de vídeos publicados no *TikTok* a partir da música *Maria Sapatão* cantada por Valeska Popozuda – vale adiantar, como discutiremos mais à frente, que o *TikTok* surgiu como plataforma em que as pessoas dublavam músicas, representando com seus corpos variações e significados que queriam atribuir. É esse o caso do áudio que utiliza um trecho da música *Maria Sapatão*, que diz: "Maria sapatão, sapatão, sapatão, de dia é Maria, de noite é João". Nesse rol de vídeos, as protagonistas (a maioria, jovens mulheres) aparecem em sua versão *maria* e depois se transformam em sua versão *joão*. Apesar de algumas mulheres serem mais velhas/gordas/negras/mais masculinas, é novamente predominante o perfil das mulheres ultra femininas, magras e brancas (Figuras 7 a 10).

Figura 7

Sem Título



Fonte: TikTok.

Figura 8

Sem Título



Fonte: TikTok.

Figura 9

Sem Título



Figura 10

Sem Título



Fonte: TikTok.

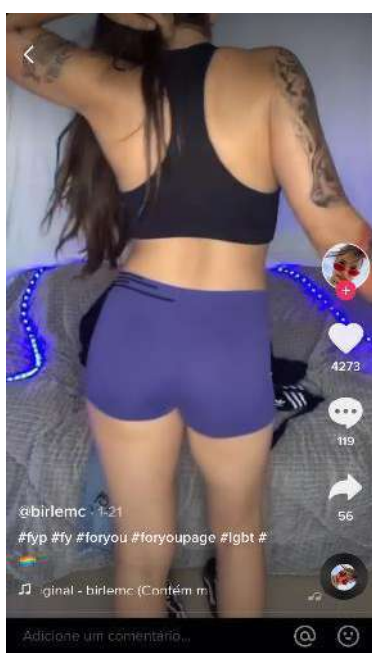
Fonte: TikTok.

Apesar da possibilidade de ostentarem uma postura mais *masculina*, usarem roupas largas, bonés e toucas, os corpos montados como *masculinizados* não abandonam a feminilidade normativa das maquiagens e dos filtros. Marcadores de branquitude, como os cabelos muito lisos, com frequência abrem espaço para a ostentação de corpos magros. A mesma lésbica que experiênciava a dissidência das normas de gênero no que diz respeito à sua orientação sexual, não apenas se mostra dócil em relação a outras normas de gênero, como se beneficia delas. Nesse sentido, o caso da *tiktoker* @birlemc consegue ilustrar nosso apontamento. Em um vídeo, a jovem aparece de costas, vestindo um top esportivo e uma calcinha short (Figura 11). Ela se movimenta casualmente, espreguiçando e movendo o cabelo comprido e liso. Quando ela se vira, sorri e se comporta de maneira moleca, e se joga de bunda no sofá, vestindo *magicamente* as roupas que estavam dispostas ali. Ela então se levanta e mostra a calça larga,

a pochete, a regata preta com uma jaqueta por cima (Figura 12). É interessante que ela levanta os braços, subindo a jaqueta e mostrando, assim, a área da cintura, em um gesto que pode ser interpretado como comprovador de uma silhueta magra e feminina por baixo das roupas tomboy. Ela então se abaixa, faz gestos com as mãos e mostra a língua.

Figura 11

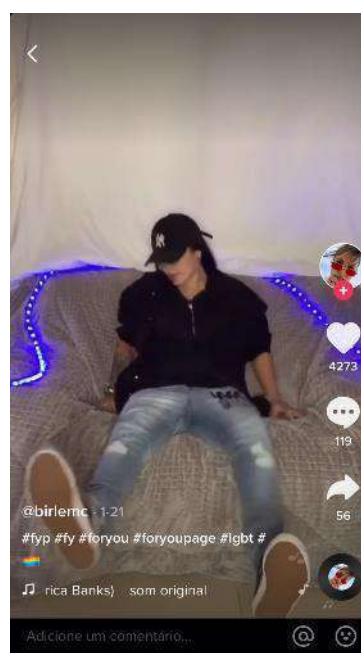
Sem Título



Fonte: TikTok.

Figura 12

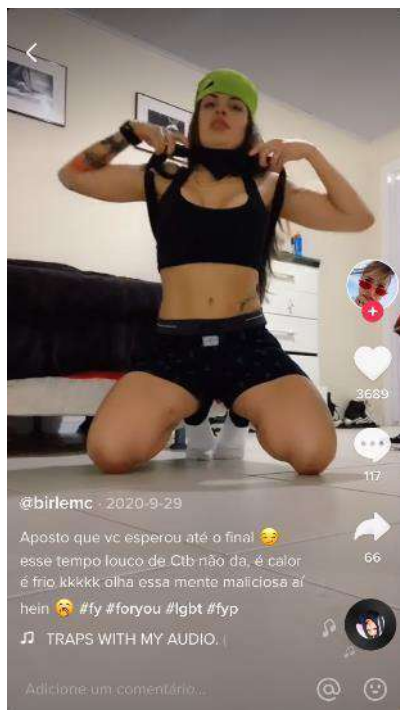
Sem Título



Fonte: TikTok.

Figura 13

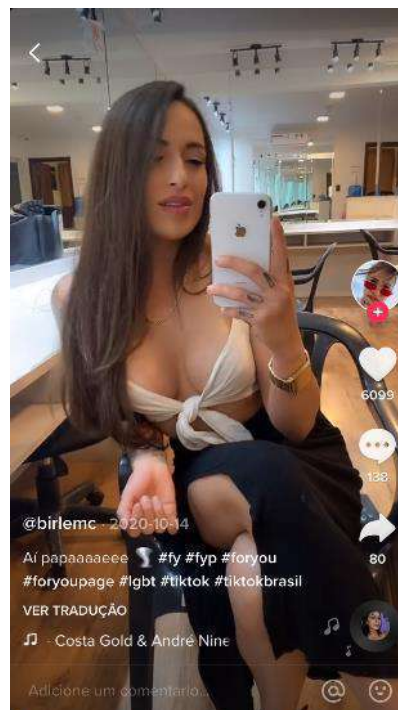
Sem Título



Fonte: TikTok.

Figura 14

Sem Título

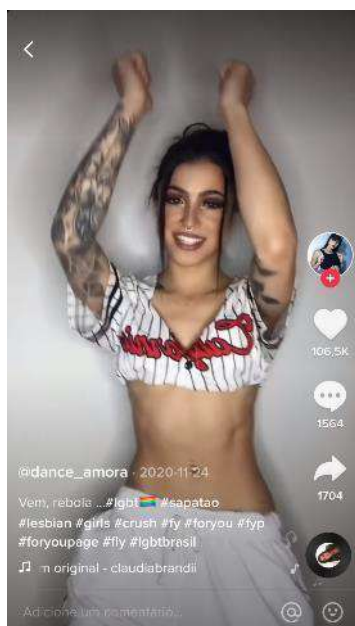


Fonte: TikTok.

O rosto desta *tiktoker*, tanto por conta dos filtros de clareamento dos dentes, preenchimento dos lábios, maquiagem e harmonização facial (deixando as bochechas erguidas e as sobrancelhas arqueadas, por exemplo, com um maxilar quadrado), ou mesmo da adoção de tais procedimentos fora da dimensão virtual, segue um padrão também bastante demarcado, que pode ser observado por comparação. @birlemc ainda posta, com frequência, vídeos nos quais ela aparece exibindo o corpo em roupas decotadas, às vezes inserido em uma performance *mais masculina* (Figura 13), às vezes absolutamente feminina (Figura 14). Nessa dinâmica, a *tiktoker* não é a única, como podemos observar nas imagens de @dance_amora (Figura 15) em "Vem, rebola" e @SaraDenisovas em "O tempo ajudou? kkkk" (Figura 16).

Figura 15

Sem Título



Fonte: TikTok.

Figura 16

Sem Título



Fonte: TikTok.

LÓGICAS HOMONORMATIVAS NAS EXPERIÊNCIAS DAS LESBIANIDADES

Michel Foucault (2014) analisa os processos de subjetivação na modernidade considerando o investimento discursivo e material sobre o corpo. De acordo com o autor, a produção do sujeito conta com intervenções normativas que atuam diretamente sobre as miudezas do corpo, a partir da consolidação de um regime de inteligibilidade específico. Baseada na prescrição do que seriam os comportamentos normais e anormais, a norma atua sobre os processos de socialização de modo a organizar, hierarquicamente, os modos de existir.

A leitura foucaultiana é utilizada comumente nas discussões sobre sexualidades dissidentes para explicitar as formas como sujeitos que desviam da heterossexualidade passam a ocupar esse lugar da anormalidade, se tornando

mais vulneráveis. Contudo, como a operação do poder e da norma é muito mais complexa do que permite a simples lógica normais-anormais, as dinâmicas de poder também se estabelecem dentro da própria dissidência.

A normatização das sexualidades dos corpos dissidentes é abordada nas discussões sobre homonormatividade. Ainda que as reflexões apresentadas por Lisa Duggan (2002) e Peter Druker (2017) sobre o tema partam de uma preocupação de caráter mais estrutural, sem se voltar para experiências individuais, as questões individuais acabam por compor, através da vida cotidiana, a reprodução e o reforço da lógica homonormativa. O poder opera não apenas como uma força que diz não, como nos diz Foucault (1993), mas possui uma força produtiva que “induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (p. 8). Assim, se a norma é uma espécie de ferramenta do poder, ela também está imbricada no cotidiano, seguindo essa dinâmica que a reforça.

A norma é a base da produção dos padrões que ganham contornos hegemônicos, que são beneficiados socialmente. E ainda que soe ingênuo dizer que as lésbicas seriam beneficiadas socialmente simplesmente por atenderem às expectativas de outras normas, é pertinente destacar como a homonormatividade pode produzir corpos dóceis ao neoliberalismo que tendem a ser favorecidos pela sua dinâmica, caso sigam a cartilha neoliberal, já que se tornam funcionais para os Estados neoliberais, para usar os termos de Lisa Duggan (2002).

A despolitização, o consumo e o confinamento da sexualidade à vida privada são apontados por Duggan (2002) como características da homonormatividade. Ainda que a autora fale a partir da realidade estadunidense, em que a homonormatividade é um articulador cultural do neoliberalismo bastante visível politicamente, diferente do que ocorre no contexto brasileiro, que possui uma outra dinâmica, é possível observar a relação dessas características com a produção e a reprodução do padrão da experiência normativa das lesbianidades.

Conforme vimos nos exemplos que abrem esse artigo, nos vídeos do *TikTok* há uma maior presença de um tom geral de brincadeira, com uma raríssima incidência de discursos com uma criticidade política. Não podemos deixar de pontuar que essa é uma característica forte da própria plataforma de mídia social, mas não deixa de despertar nossa atenção quando discutimos a despolitização como uma das facetas da homonormatividade. Nos vídeos aos quais nos voltamos, vemos emergir uma forma palatável de ser lésbica.

Há uma padronização de corpos, marcada por elementos estéticos que se repetem nos vídeos, como o uso de maquiagem, os longuíssimos cílios postiços, a branquitude, a juventude, os cabelos longos e lisos e o uso recorrente de filtros que homogeneizam os traços, apagam os poros e deixam os dentes super brancos, além da exibição da magreza e da importação de peças do vestuário que apontam para uma gramática visual lésbica. É possível apontar, portanto, uma relação íntima com um padrão de beleza que passa necessariamente pelo consumo¹². Ainda que ao falar em homonormatividade devamos buscar fugir da tentação de individualizar questões, tratamos aqui do consumo e da individualidade como um termômetro das relações que norteiam os hábitos de determinados grupos.

Desde o consumo de tecnologia, com celulares mais potentes que facilitam o uso de filtros que demandam mais atualizações dos aparelhos e contribuem para a qualidade da imagem captada, que varia de acordo com as lentes das câmeras; até o que Wolf (2018) denomina como mito da beleza, o consumo – e a capacidade financeira de consumir – é um componente da busca por visibilidade dos corpos no *TikTok* e em outras plataformas de mídia social. Um bom exemplo são as peças de vestuário que compõem a estética *futch* nos vídeos analisados: as blusas largas são de times de baseball e basquete estadunidense; as toucas

¹² Vale dizer que, ainda que entendamos que o consumo também pode ser usado para fortalecer iniciativas que comunguem de uma visão de mundo menos normativa e/ou não neoliberal, apontamos aqui exatamente a composição de um padrão que tem o consumo como um de seus elementos constituidores.

de lã apontam para o clima típico de países do norte global. Se é certo dizer que nenhum desses elementos é onipresente nos vídeos que ilustram nosso debate, também é difícil deixar de notar uma composição estética que se ampara em um padrão visual importado do norte global¹³.

Podemos considerar que essa lesbianidade normativa que está sendo produzida e reproduzida no *TikTok* evita afastar-se do padrão definido como feminino (da beleza feminina), prestando contas a ele, seja através de uma exaltação da magreza, do branqueamento, de uma higienização.

Se para Rich (2019), a heterossexualidade pode ser vista como um modo de “assegurar o direito masculino de acesso físico, econômico e emocional” (2019, p. 63) às mulheres – e a ela se alia a invisibilidade lésbica como forma de descartar outra possibilidade que não a heterossexualidade, podemos pensar no mecanismo da exposição dessa lesbianidade padronizada pela/através das plataformas de mídia social, em especial o *TikTok*, que disponibiliza filtros e narrativas pré-concebidas de conteúdo como uma lesbianidade mais irmanada à heterossexualidade richiana. A norma de gênero opera por meio de ambas e sua efetividade se dá na medida em que esconde que são operações artificiais e socialmente instituídas.

Paul B. Preciado defende que “a natureza humana é um efeito da tecnologia social que reproduz nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação: natureza = heterossexualidade” (2014, p. 25). Ao naturalizar-se enquanto única via possível, e não enquanto possibilidade, a heteronormatividade produz subjetividades controladas com o fim de manutenção do sistema heterocentrado. No entanto, ao se instituir como norma a ser seguida, a heteronormatividade também evidenciaria as lacunas que possibilitam uma subversão. Dessa forma, a

¹³ Nesse caso, como estamos tratando de componentes de um padrão corporal e estético, mesmo que as peças sejam fruto de pirataria, por exemplo, o conceito a que remetem é mais reafirmação de um padrão de consumo do que de sua contestação.

produção de subjetividades ocorre tanto a partir de uma submissão à norma, como de uma resistência a ela, como no caso das mulheres lésbicas. Se aproximando de Foucault, Preciado (2014, p. 22) defende que:

A forma mais eficaz de resistência à produção disciplinar da sexualidade em nossas sociedades não é a luta contra a proibição (como aquela proposta pelos movimentos de liberação sexual dos anos setenta), e sim a contraproduzibilidade, a produção de formas de prazer-saber alternativas à sexualidade moderna.

Assim, as lesbianidades podem operar como uma importante contraprodução, mas também como o seu oposto: reforçando as normas de uma homonormatividade devedora tanto da heteronorma, como de outras opressões estruturantes, como a gordofobia, o racismo, o capacitismo. Ao falarem de si como protagonistas de uma vivência #lésbica e #sapatão¹⁴, as *tiktokers* de que tratamos aqui estão promovendo uma espécie de naturalização das vivências lésbicas, contribuindo para o combate de uma invisibilização sistêmica e para a produção de formas alternativas de experimentar a sexualidade. No entanto, até que ponto podemos considerar que tais representações de fato se aproximam da diversidade, apesar de não serem heterossexuais?

PADRONIZAÇÃO HOMONORMATIVA EM CORPOS *FUTCH*

O confinamento à vida privada que, segundo a reflexão de Lisa Duggan (2002), diz respeito à limitação da expressão da sexualidade ao ambiente doméstico, retirando-a dos ambientes públicos e partilhados, é também potente para pensarmos sobre como o consumo dos vídeos do *TikTok* aos quais nos voltamos é estritamente individual. Ainda que a plataforma permita e estimule o compartilhamento, o acesso é realizado por meio do aparelho celular de cada pessoa, fazendo com que o conteúdo circule individualmente. Os vídeos são

¹⁴ #lésbica e #sapatão são dois dos marcadores usados nos vídeos que analisamos, muitas vezes de forma concomitante. Portanto, não discutiremos aqui as diferenças entre os dois termos.

feitos muitas vezes na própria casa das usuárias, no quarto. São expressões da sexualidade que já nascem potencialmente confinadas ao cenário privado e tendem a reverberar nesse mesmo cenário, ao serem vistas pela audiência de pessoas seguidoras e usuárias de plataformas de mídia social. Há, portanto, uma falsa sensação de grande potencial de reverberação, principalmente se levarmos em conta a lógica algorítmica das plataformas, que nos mostram os conteúdos relacionados às temáticas com as quais interagimos com frequência, limitando a circulação desses vídeos às pessoas que já tendem a assisti-los e compartilhá-los.

Peter Drucker (2017) destaca que a homonormatividade é uma faceta da heteronormatividade. O autor aponta algumas características da lógica homonormativa que nos interessam em especial: a autodefinição como minoria estável e uma crescente conformidade de gênero, que contribui para a estigmatização das pessoas trans.

A estabilidade da autodefinição é altamente percebida ao analisarmos os próprios padrões estéticos e de comportamento que destacamos várias vezes nesse artigo. Mas mais do que a estabilidade estética e comportamental, há também uma demanda pela estabilidade dos desejos. @bruxinhasolitaria, em um vídeo em que reage a um outro vídeo em que uma *tiktoker* de 17 anos, assumidamente lésbica, beija um menino, dispara um "se rotula lésbica, mas beija um garoto, parabéns por estar fodendo a visibilidade lésbica"¹⁵. O tom inconformado usado pela menina, que também aparenta ser bem jovem, se soma ao argumento exagerado de que ela estaria prejudicando a visibilidade lésbica simplesmente por beijar um menino em um vídeo de poucos segundos – exemplificando a ferocidade com que essa estabilidade dos desejos é cobrada.

¹⁵ <https://vm.tiktok.com/ZS4a4m5D/>.

A lógica que aparece no vídeo ocorre cotidianamente fora das plataformas de mídia social, como quando uma mulher se identifica como lésbica e em algum momento posterior da vida se relaciona com um homem por um período, ao voltar a se relacionar com mulheres e se identificar como lésbica acaba sofrendo sérias cobranças pelo seu *escorregão para a heterossexualidade*. Outro exemplo é o uso do termo lésbica *golden star*, que se refere às lésbicas que nunca tiveram experiências sexuais com homens como uma forma de valorizar o que se entende como uma vivência completamente lésbica em detrimento daquelas mulheres que viveram relacionamentos heterossexuais antes de se descobrirem lésbicas. Essa fúria com que a conformação e estabilidade são exigidas demonstra uma lógica normativa em operação.

Já no que diz respeito a uma crescente conformidade de gênero, podemos voltar aos vídeos que usam a música *Maria Sapatão* como base sonora que demarca a mudança de visual mais *femme* para mais *butch*, que já citamos anteriormente. Sobre essa perspectiva, vale retomarmos a nossa reflexão acerca da estética *futch*, em articulação com os aspectos da homonormatividade.

A conformidade de gênero é reforçada nesses vídeos na medida em que vemos o potencial transgressor da experiência *butch* ser solapado em um reducionismo que a limita ao uso de roupas mais largas e boné. Se, historicamente, a *sapatão butch* é aquela que, além da dissidência sexual, tensiona a norma de gênero e joga com papéis sociais de homem e mulher (Rubin, 2011), nas produções que apresentamos percebemos não só um esvaziamento desse potencial, mas também um reforço de um pertencimento ao universo cisnormativo.

Assim, as plataformas de mídia social, como é o caso do *TikTok*, podem se tornar local de reprodução de padrões de comportamento e corporalidades pré-estabelecidos pela normatividade, mesmo nos casos de sexualidades dissidentes. A homonormatividade homogeneiza as múltiplas experiências, transformando as complexidades em padrões palatáveis e toleráveis para a

sociedade em geral. Isso ocorre não apenas em um âmbito comportamental mais amplo, mas também sobre as corporalidades, definindo padrões corporais desejáveis e, conseqüentemente, indesejáveis.

Podemos pensar as plataformas de mídia social, e aqui mais especificamente o *TikTok*, nos termos de tecnologias de gênero, conforme a concepção de Teresa de Lauretis (1994), uma vez que os vídeos reproduzem lógicas de gênero como padrões de beleza e de comportamento, que estão vinculadas à normatividade. A autora destaca o papel das representações culturais e da linguagem na normatização dos sujeitos. Lauretis (1994, p. 212) afirma que “a construção do gênero é tanto o produto quanto o processo de sua representação”, desse modo, podemos ampliar a questão para abranger a sexualidade, principalmente as lesbianidades, já que, como mulheres, passamos pelo processo de conformação de gênero, mesmo que em diferentes graus e desviando da heterossexualidade compulsória (Rich, 2019).

Na linha do que propõe Lauretis (1994), compreendemos que o processo de representação produz experiências padronizadas, da mesma maneira que as próprias experiências reproduzidas se tornam parte desse padrão. E são os sujeitos sociais que representam, constroem e desconstroem esses modelos ao longo da história. Desse modo, entendemos esses vídeos como uma forma de influenciar as experiências das lesbianidades, definindo o que cabe no padrão estabelecido e o que escapa dele. Os vídeos aqui analisados têm um papel importante para mulheres descobrindo sua sexualidade, que conseguem se enxergar ali como pertencentes a determinado grupo. Entretanto, é preciso questionar que padrões têm sido reforçados nesse grupo, que experiências, comportamentos e corpos são valorizados e desvalorizados.

TIKTOK COMO PLATAFORMA PARA *MIMESIS*

A centralidade do corpo, ou de um padrão específico de corpo, conforme vemos nos exemplos, é uma característica forte do *TikTok* em geral. Contudo, ao voltarmos a nossa atenção para a presença de corpos lésbicos que performam uma lesbianidade limitada pelos padrões homonormativos que expressam, observamos repetições não apenas da estética das *tiktokers* mais famosas, mas também nos discursos e conteúdos que são produzidos. Essa repetição, que é geradora de um reforço de determinada forma de ser lésbica, opera a partir da lógica da própria plataforma. Com a viralização de determinados tipos de vídeos, produções semelhantes começam a aparecer, criando as chamadas *trends*, ou seja, a cópia e a repetição são características do *TikTok*, contribuindo para reforçar o padrão corporal das produtoras de conteúdo.

Para entender melhor as formas como a plataforma configura as expressões das lesbianidades ali presentes, é necessário discutir as dinâmicas das redes sociais. Com a ressignificação do termo *plataforma* por Gillespie (2010), escapa-se da pretensa neutralidade e fuga à responsabilização das empresas pelos conteúdos organizados e disponibilizados em seus espaços para uma perspectiva em que as plataformas on-line (como o *TikTok*, mas também muitas outras, do *Facebook* ao *YouTube*) são analisadas tendo em vista seu “funcionamento baseado no armazenamento e intercâmbio de dados, as lógicas comerciais ancoradas no engajamento dos usuários, os esforços para regular que práticas são ou não permitidas” (D’Andréa, 2020, p. 7). Conforme a expansão das plataformas de mídias sociais foi se dando - principalmente entre nações e grupos sociais privilegiados com acesso a aparatos tecnológicos sempre mais avançados, conexões estáveis e de alta velocidade -, as pessoas passaram a desenvolver cada vez mais de suas atividades sociais, culturais e profissionais a partir desses ambientes virtuais (Van Dijck, 2013).

Jose Van Dijck (2013) propõe a identificação das plataformas como “novas infraestruturas para sociabilidade on-line e criatividade”¹⁶ (Van Dijck, 2013, p. 4, tradução nossa) que parecem promover uma interpenetração progressiva entre as camadas on-line e off-line de nossas vidas. A autora, que traça uma categorização das plataformas de mídias sociais de acordo com os objetivos centrais de cada uma, destaca que “As plataformas não são construtos neutros ou livres de valores; elas seguem normas específicas e têm valores inscritos em sua arquitetura”¹⁷ (2018, p.3, tradução nossa).

Que princípios seriam esses no *TikTok*? Uma breve exploração da plataforma dá a ver que “Embora o *TikTok* permita que os usuários criem perfis, sigam amigos e enviem mensagens diretas, as conexões interpessoais são minimizadas na plataforma. A interação criativa também é priorizada em relação à interação discursiva”¹⁸ (Zulli & Zulli, 2020, p. 2, tradução nossa).

Além de desencorajar conexões interpessoais, pautando a navegação por conteúdos em vez de perfis, há denúncias, baseadas em documentos internos, de que a plataforma instruiria seus mediadores de conteúdo a suprimirem vídeos de pessoas consideradas muito feias, pobres ou com deficiência e para censurar *lives* que contenham discurso com viés político¹⁹.

Criado a partir da fusão da plataforma originalmente lançada em 2016 sob o nome *Douyin*, na China, e tornada acessível nos Estados Unidos após incorporar o *Musical.ly* já como *TikTok*, o aplicativo de dublagem é considerado “uma das

¹⁶ “New infrastructure for online sociality and creativity”, no original.

¹⁷ “Platforms are neither neutral nor value-free constructs; they come with specific norms and values inscribed in their architectures”, no original.

¹⁸ “Although TikTok does enable users to create profiles, follow friends, and send direct messages, interpersonal connections are downplayed on the platform. Creative interaction is also prioritized over discursive interaction”, no original.

¹⁹ Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/03/16/tiktok-app-moderators-users-discrimination/>> . Acesso em: 22 fev. 21

plataformas de mídia social mais influentes e amplamente utilizadas no mundo”.²⁰ No Brasil, não apenas oferece acesso *gratuito* a seus usuários, como disponibilizou também recompensas financeiras para que participassem e consumissem seu conteúdo em 2020²¹. Entretanto, a gratuidade dos serviços oferecidos pelas plataformas on-line, entre elas o *TikTok*, é apenas ilusória se considerarmos que “a extração de dados não é mera coleta de informações, mas extração de valor e recursos” (Grohmann, 2020, p. 109) “a partir dos mecanismos de dados e das mediações algorítmicas” (Grohmann, 2020, p. 111). Quanto mais usuários circulam pelas plataformas e mais tempo interagem com elas, mais elas aprendem sobre eles a partir de seus padrões de consumo. Seu engajamento alimenta os algoritmos sobre o que gostam ou desgostam, e os ensina o que oferecer para que cada pessoa queira permanecer ali consumindo todo o conteúdo publicitário acoplado aos corpos e aos estilos de vida que vislumbram pela tela.

Ainda que as plataformas não atuem de forma unilateral sobre os usuários, é equivocado imaginar que estes ajam sobre os resultados oferecidos pelos algoritmos em regime de igualdade com as empresas de tecnologia (Gillespie, 2018). Assim, ainda que usuários sejam capazes de apreender a linguagem vernacular das plataformas e apropriarem-se delas de forma consciente e política (Keller, 2019), a estrutura do *TikTok* influencia os processos de comunicação e interação de modo a encorajar a imitação e a replicação – “não conexões interpessoais, expressões de sentimento ou experiências vividas”²² – como base da sociabilidade promovida pela plataforma (Zulli & Zulli, 2020, p. 2).

Conforme os usuários ingressam no *TikTok*, eles são primeiro direcionados para indicar seus tópicos de interesse para receber “recomendações de vídeo

²⁰ “TikTok is currently one of the most influential and widely used social media platforms in the world”, no original. Informação disponível em: <https://www.businessofapps.com/data/tik-tok-statistics/>. Acesso em: 1 fev. 2021.

²¹ Mais informações disponíveis em: <<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/05/01/voce-pode-ganhar-dinheiro-no-tiktok-mesmo-sem-ser-influencer-veja-como.htm>>. Acesso em 31 jan. 2021.

²² “Not interpersonal connections, expressions of sentiment, or *lived* experiences”, no original.

personalizadas" do complexo algoritmo de aprendizagem de máquina e inteligência artificial do *TikTok* (...). Essa consulta inicial prepara o palco tecnológico para os usuários encontrarem conteúdo de vídeo que considerem particularmente atraente e, presumivelmente, mais replicável²³ (Zulli & Zulli, 2020, p. 6).

Podemos considerar o *TikTok* uma plataforma que privilegia a produção e replicação de conteúdo na medida em que sua página padrão, intitulada "para você", favorece a exibição de vídeos algoritmicamente selecionados em resposta aos hábitos de engajamento de cada pessoa, reforçando preferências identificadas a partir de *likes*, comentários, compartilhamentos e do *prompt* de inscrição.

Dessa forma, assim como outras plataformas de mídia social, existe uma tendência a apresentar novos vídeos relacionados a uma temática a alguém que já tenha assistidos a conteúdo similar, mas não àqueles que não se engajam com aquele tipo de conteúdo na plataforma, isto é,

os algoritmos, ao mesmo tempo em que indicam novas publicadoras de conteúdo sobre as lesbianidades a quem já segue outras, contribuindo para a visibilidade de mais perfis dentro de uma rede, tende a não fazer tais indicações a pessoas que ainda não tiveram contato com conteúdo sobre o tema, restringindo sua circulação. Ou seja, por questões que vão da venda de anúncios à governança; da busca por um conteúdo desejado por quem acessa a plataforma às disputas com a indústria tradicional de entretenimento; as plataformas contribuem simultaneamente para que o conteúdo sobre as lesbianidades circule mais dentro das mesmas redes, mas menos fora delas. Afetam, assim, a sociabilidade de maneira ampliada, não apenas em ambientes on-line (Ziller & Barretos, 2020, p. 15).

²³ "As users join TikTok, they are first directed to indicate their topical interests to receive 'personalized video recommendations' from TikTok's complex machine learning and artificial intelligence algorithm (...). A few examples of the content areas that are suggested include animals, comedy, travel, food, sports, beauty and style, and art. This initial query sets the technological stage for users to encounter video content they find particularly appealing, and presumably, more replicable", no original.

Qualquer pessoa que poste conteúdo em uma plataforma e deseje buscar visibilidade dentro dela precisa compreender e apropriar-se de suas lógicas. Uma usuária com aspirações a produção de conteúdo no *TikTok* tem a seu dispor bibliotecas de sons (trechos de músicas ou acervo para dublagem) e efeitos que conectam os vídeos produzidos a outros já publicados na plataforma. Isto é, o uso dos mesmos sons e/ou efeitos vincula conteúdos novos àqueles que já têm visibilidade. Assim, a replicação pode ser um meio de ter seu vídeo associado a outro que tenha grande circulação no aplicativo, ou um modo de divulgação do seu perfil a partir da imitação de um novo desafio (*challenge*), de um vídeo de verificação (*check videos*), de dança ou outro – é preciso que haja uma imitação: ou você imita, ou deve ser imitado (Zulli & Zulli, 2020).

O mesmo vale para os padrões corporais. Supondo que sejam verdadeiras as denúncias de que vídeos de pessoas feias são propositalmente marcados para uma circulação menor por mediadores de conteúdo, a maior circulação de posts daquelas que se enquadram no padrão de beleza se torna uma virtual política da plataforma. Mas, mesmo que tais denúncias sejam falsas, o próprio fato de um vídeo trazer pessoas que se enquadram em padrões de beleza tende a fazer de sua circulação mais alta, tendo em vista o fato de que tais vídeos estariam de acordo com o que mais pessoas entendem como *belo*. Ou seja, ao ser assistido e curtido por mais pessoas, dentro da lógica *rich get richer*, um conteúdo tende a circular mais.

A repetição/reafirmação de elementos e padrões majoritários, portanto, é um componente direto da lógica algorítmica que diz que quanto mais um conteúdo circula, mais ele deve ser apresentado às pessoas. Diana e David James Zulli (2020, p. 10) identificam entre os vídeos do *TikTok* pelo menos três tipos de imitação: “imitação física – copiar movimentos de dança – imitação reativa –

capitalizar e expandir o vídeo de outra pessoa – e imitação narrativa – descrevendo o mesmo tipo de experiências”²⁴.

Aqui, avançamos e propomos que não apenas os gestos corporais, mas mesmo a forma dos corpos parece objeto de imitação nesses espaços. Isso porque, entre os tipos de imitação fomentados pela plataforma, a da variedade de corpos e performances de gênero parece limitada, principalmente entre os perfis aos quais o algoritmo oferece mais visibilidade. Em busca pelos termos “sapatao” e “lésbica” no *TikTok*, há uma vasta maioria de recomendações na aba “Melhores” de vídeos de mulheres brancas, magras, de longos cabelos lisos ou alisados.

Os filtros aplicados pelas usuárias favorecem também a homogeneização em direção a traços específicos – e passíveis de serem obtidos com procedimentos estéticos: dentes muito brancos, narizes finos, cílios alongados, lábios volumosos, seios fartos, cinturas finas. Tais traços frequentemente são fruto de procedimentos cada vez mais documentados nas plataformas de mídia social de acordo com dados da *American Academy of Facial Plastic and Reconstructive Surgery* (Rajanala, Maymone & Vashi, 2018) e com os quais influenciadoras de plataformas como o *TikTok* e o Instagram lucram ao divulgarem em suas contas.

Naomi Wolf (2018) argumenta que aquilo a que se refere como “pornografia da beleza”, que consiste no uso dos corpos femininos em performances que remetem ao prazer sexual para a comercialização de produtos e serviços, diz às mulheres sobre quais corpos são dignos do prazer, do desejo sexual e do amor. Ainda que sejam dissidentes quanto à sexualidade heteronormativa, as lésbicas que vemos nos vídeos aqui abordados acabam reproduzindo padrões corporais nesses espaços, padrões cuja difusão se dá amplamente. Se certos corpos considerados belos, isto é, dentro de um padrão de beleza que beneficia os

²⁴ “These videos illustrate physical imitation— copying dance moves— reactive imitation—capitalizing and expanding on someone else’s video—and narrative imitation—describing the same type of experiences”, no original.

grupos que historicamente acumulam mais poder por vias intencionais, convidam ao consumo de perfumes, carros e filmes, nas plataformas, convidam também a despendar mais tempo em seu ambiente, oferecendo dados úteis e vendáveis.

Os dados que as pessoas oferecem às plataformas permitem agrupá-las por idade, gênero, sexualidade e orientação política, entre outros. Elas atraem e retêm usuários a fim de monetizar sua presença em seus espaços direcionando-lhes anúncios publicitários, mas não só. Conectadas umas às outras, as plataformas também trocam os dados entre si. Dados que podem ser diretamente comercializados e/ou utilizado para os mais variados fins, como no escândalo de uso político de dados para afetar o processo eleitoral dos Estados Unidos envolvendo o *Facebook* e a *Cambridge Analytica*; para fazer a gestão do espaço e dos corpos, fornecendo informações para que governos e empresas identifiquem fluxos migratórios, calculem impostos sobre terrenos e suas construções, precifiquem planos de saúde (Bitencourt, 2019), entre outros inúmeros usos possíveis.

ENTRE FILTROS E *SELFIES*

Para além dos aspectos homonormativos, gostaríamos de pontuar brevemente uma outra dimensão da junção entre a lógica algorítmica, que inclui as diretrizes de hierarquização de conteúdo adotadas pelas plataformas de mídias sociais; os padrões normativos de beleza; e os aspectos socioeconômicos relacionados tanto à indústria da beleza, quanto aos aparelhos celulares e computadores utilizados para alterar as imagens publicadas.

Para Susruthi Rajanala, Mayra Maymone e Neelam Vashi (2018, p. 1), “o advento e a popularidade das mídias sociais baseadas em imagens”²⁵ tornaram filtros e edições o padrão entre as imagens compartilhadas na internet, atuando sobre o

²⁵ “The advent and popularity of image-based social media”, no original.

que as pessoas percebem como belo em todo o mundo. Munidas de um *smartphone* com capacidade técnica para abrigar as últimas atualizações de suas plataformas de mídias sociais preferidas, com apenas alguns cliques é possível dispor de uma textura mais suave em sua pele, dentes mais brancos, olhos maiores e lábios mais grossos. Ainda que possa haver um crescimento recente da conscientização das distorções provocadas pelas poses e pelas lentes das câmeras sobre as imagens dos corpos nas mídias sociais, aumentam também entre as pessoas que utilizam tais recursos as cirurgias *corretivas* dos *defeitos* que as câmeras visibilizam²⁶.

Entre 2015 e 2017, identifica-se nas pesquisas anuais realizadas pela *American Academy of Facial Plastic and Reconstructive Surgery* (AAFPRS) um aumento de 42% para 55% dos cirurgiões relatando a busca de procedimentos cosméticos para aprimoramento de *selfies* e demais fotos nas plataformas de mídias sociais (Rajanala, Maymone & Vashi, 2018; Ward *et al.*, 2018). Em 2019, 72% dos membros da AAFPRS relataram ter visto pacientes que buscavam procedimentos cosméticos para melhorar suas *selfies* (Rice, Graber & Kourosh, 2020).

Pessoas que procuram por tais cirurgias buscam uma aproximação entre seu corpo físico e a versão dele com filtro, solicitando olhos maiores, narizes mais finos, lábios mais cheios (Rajanala, Maymone & Vashi, 2018). É importante ressaltar que, durante nossas pesquisas, não encontramos filtros voltados a (ou relatos médicos de buscas por) alargar os narizes, por exemplo, apenas a afiná-los. Da mesma maneira, não vimos filtros ou buscas por olhos menores. Tais características, afinal, socialmente identificadas a pessoas de origem indígena, asiática ou negra, não se encaixam no padrão normativo da branquitude jovem e magra.

²⁶ Executadas a curta distância, as *selfies* promovem um aumento percebido das dimensões nasais (Ward, Ward, Fried & Paskhover, 2018): retratos tirados a 30 centímetros de distância aumentam o tamanho percebido do nariz em até 30% em comparação a um retrato feito a 1,5 metros de distância sob condições semelhantes (Rice, Graber & Kourosh, 2020).

Para Rajanala, Maymone e Vashi (2018), com o acesso a recursos de edição e filtros antes disponíveis apenas para celebridades, toda pessoa presente nas mídias sociais poderia atingir a *perfeição* e propagar o padrão de beleza. As autoras afirmam que o sentimento de inadequação com o próprio corpo *sem filtros* decorrente do contato com essa profusão de imagens filtradas pode prejudicar a autoestima também fora das telas e servir de gatilho para o transtorno dismórfico corporal (TDC), entendido como uma preocupação excessiva com aspectos do corpo vistos como inadequados e para os quais podem buscar obsessivamente por correção, recorrendo a procedimentos estéticos frequentemente em busca de uma aparência mais próxima da perfeição. Mas a *perfeição* dos corpos vistos na internet não pertence nem a eles mesmos fora das telas e, embora filtros e recursos de edição contribuam para que as imagens aproximem as pessoas dos padrões de beleza, há uma profusão de corpos que não conseguem se adequar mesmo com a manipulação de lentes, luzes e filtros.

Produtora de conteúdo, a jornalista e ex-editora da revista *Women's Health* Danae Mercer usa as plataformas para exibir como, além dos filtros, poses e ângulos também alteram nossa percepção dos corpos disponíveis ao olhar nas plataformas de mídia social (Figura 17). Assim como a jornalista brasileira Mirian Bottan (Figura 18), Danae é uma mulher branca, magra e de olhos azuis, que desenvolveu compulsão alimentar ainda na adolescência e que hoje fala sobre pressão estética.

A discussão sobre a exibição de corpos editados e majoritariamente dentro de certos padrões nas mídias sociais pode ser ainda mais importante durante a Pandemia de Covid-19, em que o acesso às pessoas fora de telas se limita. Nesse cenário, Rice, Graber e Kourosch (2020) associam o uso de plataformas de vídeo como o *Zoom* com um aumento de consciência sobre a própria aparência – e o crescimento de sentimentos de insatisfação ou busca de *melhora* dela. Isso porque as pessoas não costumam ser confrontadas com a própria imagem quando interagem presencialmente, como acontece nas chamadas de vídeo, em que não só veem a si mesmas, como veem a própria imagem lado a lado às de seus interlocutores. A curta distância entre os rostos das pessoas e suas *webcams* tende a alterar as dimensões faciais, produzindo rostos mais arredondados, olhos mais separados, narizes mais largos (Třebický *et al.*, 2016).

Para Rajanala, Maymone e Vashi (2018), os filtros aproximam as imagens das pessoas que os utilizam de padrões de beleza antes restritos às imagens das celebridades na mídia, de modo que hoje não apenas essas os propagam, mas também pessoas próximas, *comuns*. Atraídas pelas imagens editadas e alteradas por filtros, aumenta a insatisfação das pessoas com a própria imagem fora das telas, pois não são tão *perfeitas* quanto elas mesmas aparentam ser nas plataformas de mídia social. Nesse sentido, plataformas de mídias sociais “estão proporcionando uma nova realidade de beleza para a sociedade de hoje”²⁷ (Rajanala, Maymone & Vashi, 2018, p. 1, tradução nossa), a qual as pessoas parecem tentadas a buscar e que os algoritmos têm interesse em difundir enquanto resultarem em bons níveis de engajamento e forem úteis para atrair e manter pessoas circulando por seus espaços e consumindo seus conteúdos.

²⁷ “Are providing a new reality of beauty for today’s society”, no original.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão aqui desenvolvida, podemos concluir que há, no *TikTok*, uma adesão institucional às normas que ditam o que é belo. Tal adesão se dá pela disponibilização de filtros que vão ao encontro dos padrões corporais vigentes, estimulando a modificação, nos vídeos publicados na plataforma, de características dos corpos para que se adequem a modelos de circulação ampla, palatável, desejável²⁸. Em um ambiente sociotécnico em que a repetição é um princípio algorítmicamente estimulado, as diferenças tendem a aparecer de forma tímida, representam um risco à circulação dos conteúdos publicados. Ou seja, mesmo que não se confirmem as acusações sobre a exclusão de vídeos de pessoas consideradas feias, que levariam ao extremo essa diretriz, a própria configuração de filtros e algoritmos do *TikTok* pode ser vista como uma política institucional de adesão às normas corporais e um desestímulo à diversidade dos corpos.

Além disso, o *TikTok* também desestimula a politização das discussões – e, nesse ponto, se diferencia de outras plataformas, como *YouTube*, *Facebook* e *Twitter*, em que há ampla publicação de material nos vários espectros de posicionamento político. Os pequenos vídeos do *TikTok*, cujo tamanho máximo em segundos é regra da plataforma (mas não em bits, tendo em vista que os filtros disponíveis tornam os vídeos mais pesados), parecem se voltar a divertir de maneira pouco afeita a questionamentos críticos ou politizados. Novamente, tal direcionamento existe mesmo que não se confirmem as acusações de que mediadores são instruídos a excluir *lives* com discurso político.

Entendemos que esse viés de diversão higienizada visual e tematicamente guarda relação com as origens da plataforma, surgida como aplicativo de

²⁸ Nesse sentido, remetemos novamente a Preciado (2018) para lembrar que o audiovisual tem papel importante para reafirmar os padrões de um corpo belo e desejável. Assim, se trata de um movimento duplo, em que as normas são contempladas nos vídeos e esses ajudam a reafirmá-las.

dublagem de trechos musicais, mas é reafirmado em seus filtros e na maneira como as diretrizes de hierarquização e oferta de conteúdo estão inscritas no algoritmo do *TikTok*.

Nos vídeos que citamos aqui, fruto de nosso flamar na plataforma, outro elemento que se destaca, além da adesão às normas e ao tom divertidinho/higienizado adotados pelo *TikTok*, é o consumo como componente de busca por visibilidade. Tal percepção se dá a partir de uma variedade de dimensões, da tecnológica à cosmética, passando pelo que entendemos constituir como uma gramática visual de uma lesbianidade *futch*.

Em primeiro lugar, o consumo se relaciona amplamente à visibilidade no *TikTok* em relação à capacidade técnica de geração de imagens consideradas bonitas. A resolução das câmeras dos aparelhos de celular, a qualidade das lentes, a capacidade de processamento dos chips, que precisa ser robusta para a produção dos vídeos com filtros que se adequam ao movimento, e o tráfego de dados em banda larga só estão disponíveis a uma parcela financeiramente privilegiada de pessoas em todo o mundo.

Mais próxima aos aspectos da norma de gênero que atingem diretamente as mulheres, a capacidade de consumir também está nos cabelos longos sempre lisos de boa parte das *tiktokers*, fruto de tratamentos cosméticos; nos rostos maquiados e retocados cirurgicamente; nos ambientes privados que servem de cenário. Os filtros que simulam parte desses elementos, ao contrário de proporcionarem acesso a quem não pode comprar maquiagem, por exemplo, reafirmam a necessidade de se estar sempre maquiada para que seja considerada bonita. De ter nariz fino, pele lisa, lábios grandes, apontando para a adoção de procedimentos cirúrgicos. A reafirmação visual de uma imagem retocada de si, como mostramos, tem levado também ao crescimento da busca por intervenções médicas que inscrevam corporalmente as modificações vistas na tela.

Cabe ainda destacar, no que diz respeito ao consumo, a composição de uma estética *futch* a partir de peças de vestuário cuja origem remete ao norte global. As mulheres lésbicas dos vídeos que aqui citamos traçam a composição *femme + butch* a partir de um corpo dócil às normas de gênero e da adição de algumas peças de vestuário lidas como masculinizadoras. Camisas de times estadunidense de baseball e basquete, tocas de lã, blusões de couro – como os citados por Gayle Rubin (2011) como componente da estética *butch* advinda dos motociclistas – compõem o que entendemos como uma gramática visual das lesbianidades, são usadas como elemento identificador que pode estar presente também na vida off-line ou ser completamente suprimido quando convier.

Há, assim, um reforço do consumo e um esvaziamento político nos vídeos que entendemos como *futch*. Engraçadinhos e/ou pretensamente sensuais, reafirmam uma determinada forma de ser lésbica que parte das normas de gênero para construir a imagem de corpos brancos, jovens, magros, sem deficiência. Não comportam as experiências faveladas, de mulheres mais velhas, gordas, nem de mulheres negras.

Mas, se o *TikTok* não é um lugar que se volta à politização, mas de brincadeiras e afins, como esse artifício contribui para uma padronização da experiência das lesbianidades? Retira-se o plural do termo, e ele passa a operar como uma tecnologia que nos normatiza e que é potencializada pela presença e centralidade em nosso cotidiano. Mensagens repetidas e repetidas pela lógica da própria plataforma vão ajudando a construir a nossa concepção do que é ser lésbica.

Com isso, não queremos dizer que não há conteúdo político ou politizado sendo produzido ou circulando a partir da plataforma. Mesmo produtores de conteúdo abertamente marxista como Sabrina Fernandes (@teseonze) e Hiago Soares (@h.iagosoares.a) também estão lá. Defendemos, entretanto, que a sua linguagem vernacular e lógica algorítmica que a rege favorecem que o alcance

desses conteúdos fique limitado a quem não só tem interesse por eles, como já demonstrou isso para o algoritmo a partir de suas práticas de assistência e navegação pelo aplicativo, havendo também denúncias de práticas deliberadas de supressão de conteúdos considerados pouco atrativos sob o viés da plataforma. Assim, consideramos que o *padrão* de lésbicas que se dão a ver no *TikTok* não é exclusivamente o do qual tratamos aqui. Mas apontamos como, mesmo dissidentes em sua sexualidade, elas têm mais possibilidade de ter seu conteúdo entregue e impulsionado pela plataforma do que aquelas que, além de lésbicas, não são brancas, magras, sem deficiência; ou aquelas cujos lares não compõem cenários visualmente harmônicos e às vezes até mesmo assépticos; cujos acessórios e vestimentas não remetam ao estilo de marcas internacionalmente conhecidas de *street wear* ou de tradicionais grifes europeias.

Assim como a homonormatividade produz corpos, ainda que dissidentes, dóceis aos padrões corporais, as plataformas de mídias sociais potencializam a propagação de corpos úteis ao mercado da beleza e da moda, entre outros. Ainda vale dizer que, nas plataformas de mídia social, padrões de beleza e sucesso não são produzidos e reproduzidos apenas por influenciadores, mas por boa parte das pessoas que editam sua aparência - não por acaso, estamos falando de normas e padrões.

O reforço à heteronorma, cujo sentido aqui desliza para uma homonorma, localiza tais vídeos em contraposição à ideia romantizada de que "sapatão é revolução". Mesmo que contribuam para visibilidade lésbica, o que precisa ser registrado e é relevante, os vídeos *futch* que citamos dificilmente podem ser vistos como revolucionários, como prega o bordão.

REFERÊNCIAS

Beauvoir, Simone (1949). *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bitencourt, Elias C. (2019). *Smartbodies: corpo, tecnologias vestíveis e performatividade algorítmica*. Tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.

Butler, Judith (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Case, Sue-Ellen (1988-89). Towards a *butch-femme* aesthetic. *Discourse*, 11(1), 55-73.

Cho, Junghoo, Roy, Sourashis, & Adams, Robert E. (2005). Page quality: In search of an unbiased web ranking. *Proceedings of ACM SIGMOD international conference on management of data*, New York, NY, United States.

Ciampaglia, Giovanni L., Nematzadeh, Azadeh, Menczer, Filippo, Flammini, Alessandro (2018). How algorithmic popularity bias hinders or promotes quality. *Scientific Reports*, 8(15951).

D'Andréa, Carlos (2020). *Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos*. Salvador: EDUFBA.

Drucker, Peter (2017). A normalidade gay e a transformação queer. *Cadernos Cemarx*, (10).

Duggan, Lisa (2002). The new homonormative: the sexual politics of neoliberalism. In Russ Castronovo & Dana D. Nelson. *Materializing democracy: toward a revitalized cultural politics* (pp. 175-194). Durham: Duke University Press.

Foucault, Michel (2014). *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, Michel (1993). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.

Gillespie, Tarlton. (2018). A relevância dos algoritmos. *Parágrafo*, 6(1), 95-121.

Gillespie, Tarlton (2010). The politics of “platforms.” *New Media and Society*, 12(3), 347-364.

Grohmann, Rafael. (2020). Plataformização do trabalho: entre a dataficação, a financeirização e a racionalidade neoliberal. *Revista Eptic*, 22(1).

Guillaumin, Colette (1994). “Enquanto tivermos mulheres para nos darem filhos”: a respeito da raça e do sexo. *Estudos Feministas*, 2(n.spe), 228-233.

Halberstam, Jack (1998). *Female Masculinity*. Durham: Duke University Press.

Johnson, Mykel (1992). *Butchy femme*. In Joan Nestle. *The persistent desire: a femme-butch reader* (pp. 395-398). Boston: Alyson Publications.

Keller, Jessalynn (2019). “Oh, she’s a Tumblr feminist”: exploring the platform vernacular of girls’ social media feminisms. *Social Media and Society*, 5(3), 1-11.

Kennedy, Elizabeth L. & Davis, Madeline D. (1994). *Boots of leather, slippers of gold: the history of a lesbian community*. New York: Penguin Books.

Lauretis, Theresa (1994). As tecnologias do gênero. In Heloísa B. Hollanda. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura* (pp. 206-242). Rio de Janeiro: Rocco.

Levitt, Heidi M. & Horne, Sharon G. (2002) Explorations of lesbian-queer genders. *Journal of Lesbian Studies*, 6(2), 25-39.

Morgan, Taralee (2017). *Lesbian Lingo: slang terminology in English and Spanish spoken by lesbian communities in the United States*. Master's Thesis, DePaul University, Chicago, United States.

Paiva, Antonio C. S. & Veras, Elias F. (2016). Sobre "peineta" e "cuero": entrevista com Oscar Guasch. *Estudos Feministas*, 24(1), 183-198.

Preciado, Paul B. (2018). *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições.

Preciado, Paul B. (2014). *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 edições.

Raewyn, Connel & Pearse, Rebecca (2015). *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: nVersos.

Rajanala, Susruthi, Maymone, Mayra B. C., & Vashi, Neelam. A. (2018). Selfies-living in the era of filtered photographs. *JAMA Facial Plastic Surgery*, 20(6), 443-444.

Rancière, Jacques (2009). *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34.

Rice, Shauna M., Graber, Emmy, & Kourosch, Arianne S. (2020). A pandemic of dysmorphia: "zooming" into the perception of our appearance. *Facial Plastic Surgery and Aesthetic Medicine*, 22(6), 401-402.

Rich, Adrienne (2019). Heterossexualidade compulsória e existência lésbica (1980). In Adrienne Rich. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & outros ensaios* (pp. 25-108). Rio de Janeiro: A Bolha.

Rubin, Gayle S. (2011). *Deviations*. Durham: Duke University Press.

Třebický, Vít, Fialová, Jitka, Kleisner, Karel, & Havlíček, Jan. (2016). Focal length affects depicted shape and perception of facial images. *Plos One*, 11(2), 1-14.

Van Dijck, José (2013). *The culture of connectivity: a critical history of social media*. New York: Oxford University Press.

Ward, Brittany, Ward, Max, Fried, Ohad, & Paskhover, Boris (2018). Nasal distortion in short-Distance photographs: The selfie effect. *JAMA Facial Plastic Surgery*, 20(4), 333-335.

Wolf, Naomi (2018). *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Ziller, Joana & Barretos, Dayane (2020) Lésbicas também transam: disputas sobre a visibilidade das lesbianidades no Instagram. *Anais do Encontro Anual da Compós*, Campo Grande, MS, Brasil, XXIX.

Zulli, Diana & Zulli, David J. (2020). Extending the internet meme: conceptualizing technological mimesis and imitation publics on the *TikTok* platform. *New Media and Society*, 24(8), 1872-1890.

É A MESMA MENINA? HOMONORMATIVIDADE NOS VÍDEOS DE LÉSBICAS *FUTCH* NO TIKTOK

Resumo

A ampliação da circulação de vídeos no *TikTok* de lésbicas jovens, brancas, magras, sem deficiência, maquiadas, que mesclam as categorias *femme* e *butch* (*futch*) sem, na maioria das vezes, se contrapor mais fortemente às normas de gênero deu origem a este artigo, que tem como operadores as diretrizes inscritas na lógica algorítmica, usada para reafirmar a heteronorma; a homonormatividade e a inclusão pelo consumo, que a compõe. Defendemos que a junção da mediação algorítmica estabelecida pelo *TikTok* a um padrão homonormativo de lesbianidade resulta em uma padronização dos corpos que se dão a ver. Tal arranjo atua sobre a partilha do sensível, contribuindo para que uma menor diversidade de corpos sejam percebidos como possibilidades entre mulheres lésbicas.

Palavras-chave

Homonormatividade. *TikTok*. Plataforma. Lésbicas. *Futch*.

¿ES LA MISMA CHICA?

HOMONORMATIVIDAD EN VIDEOS DE LESBIANAS *FUTCHEN TIKTOK*

Resumen

La expansión de la circulación de videos en TikTok de lesbianas jóvenes, blancas, delgadas, sin discapacidades, maquilladas, que mezclan las categorías femme y butch (futch) sin, en la mayoría de los casos, oponerse más fuertemente a las normas de género dio origen a este artículo, que tiene como operadoras las pautas inscriptas en la lógica algorítmica, utilizada para reafirmar la heteronorma, la homonormatividad y la inclusión por consumo, que la componen. Argumentamos que la unión de la mediación algorítmica establecida por TikTok a un estándar homonormativo de lesbianidad resulta en una estandarización de los cuerpos que se hacen visibles. Tal estandarización actúa sobre la puesta en común de lo sensible, contribuyendo a que una menor diversidad de cuerpos sea percibida como posibilidad entre las mujeres lesbianas.

Palabras clave

Homonormatividad. *TikTok*. Plataforma. Lesbianas. *Futch*.

IS IT THE SAME GIRL? HOMONORMATIVITY IN LESBIAN *FUTCH* VIDEOS ON *TIKTOK*

Abstract

The expansion of the circulation of videos on TikTok of young lesbians, white, thin, without disabilities, with makeup, that mix the categories femme and butch (futch) without, most of the time, more strongly opposing the gender norms gave rise to this article, which has as operators the guidelines inscribed in the algorithmic logic, used to reaffirm the heteronorm, homonormativity and inclusion by consumption, which compose it. We argue that the junction of the algorithmic mediation established by TikTok to a homonormative pattern of lesbianity results in a standardization of the bodies that are made visible. Such an arrangement acts on the sharing of the sensitive, contributing to a lower diversity of bodies being perceived as possibilities among lesbian women.

Keywords

Homonormativity. *TikTok*. Platform. Lesbians. *Futch*.

CONTRIBUIÇÃO

Joana Ziller

A autora declara ter contribuído para este texto da seguinte forma: financiamento (equânime), concepção (equânime), teorização (equânime), coleta de dados (equânime), análise de dados (equânime) e conclusão (equânime).

Dayane do Carmo Barretos

A autora declara ter contribuído para este texto da seguinte forma: financiamento (equânime), concepção (equânime), teorização (equânime), coleta de dados (equânime), análise de dados (equânime) e conclusão (equânime).

Leíner Hokí

A autora declara ter contribuído para este texto da seguinte forma: financiamento (equânime), concepção (equânime), teorização (equânime), coleta de dados (equânime), análise de dados (equânime) e conclusão (equânime).

Kellen do Carmo Xavier

A autora declara ter contribuído para este texto da seguinte forma: financiamento (equânime), concepção (equânime), teorização (equânime), coleta de dados (equânime), análise de dados (equânime) e conclusão (equânime).

CONFLITOS DE INTERESSE

As autoras declaram não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

As autoras declaram que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelos recursos que viabilizaram a realização do estudo a partir do qual os dados desta contribuição foram obtidos.

COMO CITAR

Joana Ziller, Joana Barretos, Dayane C., Hokí, Leíne, & Xavier, Kellen C. (2022). É a mesma menina? homonormatividade nos vídeos de lésbicas *futch* no TikTok. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 9(26), 921-968.